

Geografia e comunicação: análise documental sobre a presença de mulheres em jornais impressos no interior de Mato Grosso do Sul¹

Rosália Aparecida da Silva²

Daniela Giovana Siqueira³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Resumo

A partir de pesquisas em jornais de época, buscamos compreender a mídia impressa concretizada nos primeiros tempos do que viria a ser o estado de Mato Grosso do Sul à luz do espaço e da cidadania. O recorte contempla três diferentes épocas (décadas de 1900, 1920 e 1940) em três diferentes cidades (Corumbá, Três Lagoas e Campo Grande). A pesquisa documental tem como aporte principal Santos (2008, 2012), Santos e Silveira (2001) e Bento (2022). Verificamos que há um apagamento feminino e a construção de um espaço da casa e da tutela da família, mesmo em referência às mulheres de destaque naquelas sociedades.

Palavras-chave: Jornal “O Brasil”; Jornal “A Notícia”; “Jornal do Commercio”; espaço; gênero.

“Ficar prisioneiro do presente ou do passado é a melhor maneira para não fazer aquele passo adiante, sem o qual nenhum povo se encontra com o futuro” (Santos, 2012b, p. 161).

Primeiras impressões

Refletindo sobre a Modernidade, na qual o jornalismo alcança sua maior expansão, Marcondes Filho (2002, p. 10) afirma: “O jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa”. É a partir deste lugar, do jornalismo construído para ser representação e portador da propagação de uma nova sociedade vinda da “vitória das democracias republicanas”, do progresso, da transparência e da “modernidade dos direitos sociais e humanos”, como nos mostra o autor supracitado, que propomos esta pesquisa documental. O objetivo é compreender como a cidadania se propagada na história da mídia impressa localizada no atual estado de Mato Grosso do Sul, tomando como sujeito de observação a presença da mulher em três veículos impressos.

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Jornalista no Instituto Federal de Rondônia – IFRO. E-mail: rosalia.silva@ifro.edu.br.

³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Orientadora da pesquisa e professora da Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM. E-mail: daniela.siqueira@ufms.br.

Propomos uma pesquisa calcada em documentos disponibilizados pela Hemeroteca Nacional, sendo do tipo analítico-exploratória. Visamos a compreensão do objeto de estudo: a mídia regional com recorte em primeiros tempos de circulação dos jornais impressos de três cidades sul-mato-grossense: “O Brazil”⁴ (Corumbá/1902), “A Notícia” (Três Lagoas/1924) e “Jornal do Commercio” (Campo Grande/1923). O recorte temporal dado será a leitura de três espaços em tempos diferentes: início do século (O Brazil, 1902), segunda década (A Notícia, 1924) e quarta década do século passado (Jornal do Commercio, já com nome alterado para Jornal do Comércio⁵, 1949).

A imprensa escrita surge no Sul do então estado de Mato Grosso quase um século depois dos acontecimentos revolucionários na França e, praticamente, cem anos depois do surgimento de Corumbá, cuja fundação ocorreu em 21 de setembro de 1778⁶. Os acontecimentos na França eram conhecidos e referenciados nesta localidade, a partir de uma leitura local. Em 1902, no jornal O Brazil⁷, edição 8, p. 02, encontramos uma publicação comemorativa ao 13º ano pós-Proclamação da República. No texto “O 15 de Novembro” compara-se haver acontecimentos históricos mais antigos a defenderem a “idéia de se fazer um governo sem reis” que a iniciada com a irrupção dos “revolucionários franceses de 1789” e “os direitos do homem”. O texto afirma que os acontecimentos na França foram posteriores a eventos incluindo o próprio caso brasileiro: “a poética e malfadada conspiração mineira é anterior à queda da Bastilha” (O Brazil, 1902, p. 02) e um texto na mesma edição incluirá como prelúdio também o “13 de Maio”. Haveria, assim, outros grandes feitos anteriores de defesa da liberdade, como a “Convenção da Philadelphia” e a “Constituição americana”. Ainda sobre o 15 de novembro, na mesma edição 8, é possível destacar no final do texto assinado por Martins Pereira: “[...] nos leva a esperar dias melhores, à Patria grande, unida e glorificadora” (O Brazil, 1902, p. 03).

⁴ Serão mantidos nomes e grafias de época.

⁵ Alteração realizada no 18º ano do jornal, porque nos arquivos da Hemeroteca a única edição disponível em 1939 é a de abril (nº 2343) e a próxima, de 1940, em 1 de janeiro (nº 2557), quando já aparece com a nomenclatura Jornal do Comércio.

⁶ O jornal O Iniciador tem sua primeira publicação em 18 de janeiro de 1877. Cf. FERNANDES, Mario Luiz. O Iniciador: modernidade e política no primeiro jornal de Corumbá. **Anais do 24º INTERCOM – Região Centro-Oeste**, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/15/2112/042420242327426629bf9e2050e.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

⁷ Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=765481&pesq=&pagfis=14>. Acesso em: 25 maio 2025.

Da nossa época atual, também lá se vão mais um centenário para trás destes escritos na imprensa regional, o que nos finca o pé na atualidade sem nos imobilizar na busca por compreender os fatos históricos. Não se pode aqui ignorar dois pontos: que contemporaneamente à Revolução Francesa e à Declaração dos Direitos do Homem também houve a proposição da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã por Olympe de Gouges⁸, no ano de 1791; e o segundo ponto, que a imprensa brasileira surgiu baseando-se no já existente no além-mar: “Hipólito não inventou o gênero, apenas utiliza modelos que há muito circulam na Europa” (Dines, 2001, p. XXIX).

Analisando a história da imprensa em países como França e Inglaterra, Albert e Terrou (1990) encontram três fatores que contribuíram com o desenvolvimento dessa naquelas regiões, incluindo fatores de desenvolvimento político-social, a instrução alcançando um maior número de pessoas, culminando com a formação cultural e de público, bem como fatores técnicos e econômicos. De modo geral, é possível encontrar na sociedade do Sul do Estado de Mato Grosso, que abriga os jornais aqui analisados, a consolidação, no pós-Guerra do Paraguai⁹, uma Corumbá em franco crescimento; despontando-se como sede de um importante porto de navegação às margens do Rio Paraguai. Até as primeiras décadas de 1900 será a única cidade a ter no arquivo da Hemeroteca Nacional¹⁰ jornais digitalizados representando o agora Mato Grosso do Sul. Portanto, estes jornais permitem refletir sobre tempo e espaço, partindo de um local fronteiriço, em que se processam respostas dadas a contornos brasileiros (internos) e internacionais (externos). Há um contexto de nacionalização do território brasileiro se processando, bem como há expansão de um novo sistema de informação que visa outras formas de lucro¹¹, tendo por base o jornalismo.

Dentro do espaço-tempo há discursos fazendo parte da circulação social, e a mídia não fica alijada deste processo. E para nós é importante entender o que não está aparente, mas às margens, influenciando consequentemente o exercício histórico da cidadania. Comparativamente, Chauí (2006, p. 16) mostra que “[...] ideologia é aquele discurso no qual os termos ausentes garantem a suposta veracidade daquilo que está

⁸ Cf. A “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2008/03/27/a-declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

⁹ A Guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai unidos contra o Paraguai) ocorreu entre 1864 e 1870.

¹⁰ Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

¹¹ Imprensa e sistema capitalista se desenvolvem praticamente juntos. Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. 4. ed. 2. reimpr. Rio de Janeiro, Mauad, 2004.

explicitamente afirmado”. Esse estar no mundo, ser visto ou apagado, é um modo de ocupar o espaço, que tentaremos estudar, a partir da observação da presença feminina, na materialidade do que ficou registrado em mídias locais.

Observando os três jornais eleitos nesta pesquisa, existe uma clara distinção entre os papéis de homens e mulheres, refletindo o período e sociedade que estão sendo publicados. Porém, notam-se sutis diferenças em como elas são referenciadas em cada periódico. Com o passar das décadas, as profissões continuam definindo os homens, enquanto para as mulheres os adjetivos são ligados a atributos morais como honradez. Por exemplo, digna é uma palavra usada 19 vezes; e gentil tem 13 aparições, dentro de 44 edições analisadas, conforme disponibilizado na Hemeroteca Nacional (5 de “O Brasil: Orgam noticioso e commercial, dedicado aos interesses do povo”, do ano de 1902; 37 de “A Noticia”, do ano de 1924; e 2 do “Jornal do Comércio”, do ano de 1939). Para elas, os substantivos usados remetem a lugares de submissão (filha, consorte, irmã, mãe, conforme o protagonismo masculino representado, ao qual a presença feminina aparece majoritariamente atrelada).

Em 1902, na abertura do século, “O Brasil” trazia muito destacada essa proximidade como ao noticiar um casamento: “O nosso ilustre amigo snr. Eurico Ferreira, hábil pharmaceutico militar, contracta casamento com a Exma. Sr^a D. Alzira Müller de Campos, dilecta filha do ilustrado Dr. Alfredo Müller de Campos¹²” (O Brasil, 1902, p. 04). Neste recorte retirado da edição 8, ele possui profissão e representação social em função deste quesito público (é amigo e hábil profissional), enquanto ela é referenciada por seu pai, que igualmente é lembrado pelo poder de sua função, conforme a definição “ilustrado Dr.”.

No entanto, com o passar do tempo, as mulheres começam a receber menções que as ligam ao campo profissional. O que também refletirá localmente, na iniciação das mulheres em diferentes profissões, que não só as publicadas como de “serviços domésticos” (em 6 diferentes vezes). É o caso de enfermeira (Jornal do Comércio, Ano 28 - Número 5.318, de 20/06/1949); e no jornal A Notícia (Ano 1 - Época 2 - Edição 179, 07/08/1924, p. 6, grifo nosso): “[...] pretendem casar-se Caetano Albernaz de Albuquerque e d. Lucina da Silva Prado. Elle é natural deste Estado, com 27 annos de

¹² Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765481&pagfis=16>. Acesso em: 22 maio 2025.

idade, agricultor [...]; ella é natural deste Estado, com 21 annos de idade, **professora**¹³ [...].”

Há no geral, uma menção das mulheres voltada à família (a quem sempre é ligada, especialmente com a indicação do título “dona¹⁴”, vocábulo grafado com diferentes modos de escrita). Porém, tendo a mulher recursos financeiros consegue brechas de estar nos jornais. Como nos anúncios, é o caso em que estão à venda 3 casas em Campo Grande, a tratar com “a proprietaria Da. Isaura Lemos de Sousa”, anúncio que foi divulgado em pelo menos 7 edições. Com o tempo poderão também ser de alguma forma protagonistas em ações antes mais divulgadas para os homens, como benfeitoras no caso de doação para o “Asilo para a velhice Desamparada São João Bosco¹⁵”, apesar de ser tema a que senhoras da sociedade estavam sendo incentivadas a seguir exemplo das damas da sociedade: “obulos foram adquiridos por uma comissão de benemeritas senhoras sob presidencia da EXm^a. Snr^a. D^a. Corina Novis Corrêa da Costa, digna consorte do Cel. Pedro Celestino¹⁶” [presidente do Estado de Mato Grosso] (A Noticia, 1924, ed. 190, p. 04).

Um espaço em consolidação

Temos nos situado na perspectiva de que a luta atual por direitos igualitários se faz entendendo as faltas e carências dadas pelo tempo e espaço ocupados, porque o passado mantém sedimentado o silêncio e a ausência de uma camada grandiosa de brasileiros. Como dito em Santos (2012b, p. 18): “É no território, tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta”. E essa localização, dentro de um contexto histórico, mostra como (não) se dá essa cidadania. Para o autor, o espaço é a localização necessária para que a sociedade transforme a realidade concreta.

Tanto, que Santos (2012a, p. 67) escreve: “Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode

¹³ Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=711896&pagfis=97>. Acesso em: 21 maio 2025.

¹⁴ Diferentemente se grafadas em minúscula ou maiúscula, aparecem: dona (2 vezes); d./D.^a (43 vezes); Da. (9 vezes); e d^a/d^a. mais 9 vezes).

¹⁵ Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pagfis=4966>. Acesso em: 10 maio 2025.

¹⁶ Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=711896&pagfis=141>. Acesso em: 11 maio 2025.

operar fora dele”. E destaca que para estudá-lo exige observar a relação da sociedade com o contexto em que está situada, para chegar aos “[...] efeitos dos processos (tempo e mudança) e específica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço” (Santos, 2012, p. 67).

Deolindo (2018, p. 59) observa que na década de 1950 o autor apontava as “limitações do suporte papel diante da fluidez e da flexibilidade da notícia”, naquela época havendo disponibilidade do telégrafo elétrico, do rádio e se iniciando a televisão brasileira. Já um processo alterado do que se via no início de 1900, em que o papel era uma tecnologia que estava alterando a disponibilização de informações em determinados espaços.

Corumbá surge ainda no século XVIII, e segundo Leite (1978, p. 24): “[...] nasce com destino de guardiã da nacionalidade, sentinela avançada da pátria”. Esse desenvolvimento alcançado na virada para o século XX não é distante de pensar nos “arquipélagos” formando o todo do espaço brasileiro naquele período histórico, de acordo com o que é pensando sobre as diferenças e aproximações entre centro e periferia no estudo de Milton Santos e Maria Laura Silveira. Eles dirão existir uma formação que inclui três períodos: “O primeiro, que dura até a Segunda Guerra Mundial, é anterior à unificação do território e do mercado” (Santos; Silveira, 2012, p. 265). Os dois próximos envolveria a unificação do país junto com a dinamização industrial e a que envolve já o processo de globalização. Isso importa porque pensando nesta mídia que vem se implantando nas cidades fora do que é considerado o centro político nacional, envolve outras realidades e modos de exercício de cidadania.

No primeiro período, tratava-se de um Brasil policêntrico. O poder encarnado no Governo Geral e depois no Vice-reinado e no Império era, sem dúvida, centralizador, mas a fraca capacidade de controle do território e a realização fragmentária da economia não permitiam ir além da construção de um Brasil arquipélago (Santos; Silveira, 2012, p. 265).

Para os autores, a implantação das estradas de ferro ajudará a mudar esse cenário, com “um uso mais dinâmico do território”. E isso aqui se refletirá com o desenvolvimento de cidades como Três Lagoas (mais próxima da divisa com São Paulo, de onde saía a linha férrea de Bauru. Depois alcançava Campo Grande e, por fim, Corumbá – em diferentes décadas de 1900) com a implantação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil a interligar o interior de São Paulo à Bolívia. “Essa nova modalidade de organização do território erige Rio e São Paulo como um pólo cuja relação com a

periferia do país era, todavia, num primeiro momento, incompleta” (Santos; Silveira, 2012, p. 266). Portanto, o país vivia um sentimento de busca por unicidade. Ao enviar texto para os 18 anos do Jornal do Commercio, Hebert Moses, então presidente da Associação Brasileira de Imprensa se expressa ao “longinquo Campo Grande, Estado de Matto Grosso” e ressalta que o veículo regional de mídia “vem baluartando o **movimento de brasilidade nas nossas fronteiras geogrphaficas**, com a nobre e vigorosa campanha de engrandecimento de **nossa patria comum**¹⁷” (p. 9, edição 2.343, 13/04/1939, grifos nosso). Palavras representativas do contexto de integração nacional.

Então, há esse movimento próprio da história e do trabalho humano, ou, como bem lembra Santos (2008), a conjunção do tempo e do espaço, envoltos a contextos locais, nacionais e internacionais, em que ocorrerão modificações. “A sociedade se transforma em espaço através de sua redistribuição sobre as formas geográficas, e isto ela o faz em benefício de alguns e em detrimento da maioria [...]” (Santos, 2008, p. 262). Ou seja, faz uma separação entre as pessoas que habitam cada parte do espaço, no qual o autor encontra uma distinção calcada em valor comercial, em que “[...] o espaço-mercadoria vai aos consumidores como uma função de seu poder de compra” (Santos, 2008, p. 262).

As formas novas que vão erigindo no espaço, convivendo com antigas, cumprem funções que se integram em estruturas e criam sistemas complexos: “O espaço está em evolução permanente. Tal evolução resulta da ação de fatores externos e de fatores internos. Uma nova estrada, a chegada de novos capitais ou a imposição de novas regras (preço, moeda, impostos etc.) levam a mudanças espaciais [...]” (Santos, 2012, p. 28-29). Em 1924, o jornal A Notícia¹⁸ ao reclamar sobre alguma mudança ocorrida no horário do trem incluía a seguinte informação sobre as cidades pelas quais havia linha férrea: “Já não somos simples povoações nascentes, de populações escassas e sem grandes transações commerciaes. Temos progredido bastante” (A Notícia, 1924, p. 2). O espaço vinha passando por diversas transformações.

Tal qual os recortes analisados, há de se fazer presente que as mulheres perfaziam espaços. Não estavam somente na configuração doméstica. Porém, ficaram

¹⁷ “A palavra prestigiosa do Presidente da Associação Brasileira de Imprensa”. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pagfis=4280>. Acesso em: 09 jun 2025.

¹⁸ Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=711896&pagfis=2>. Acesso em: 27 abr. 2025.

poucos registros, é preciso aumentar a lupa para encontrá-las. Se estavam ativas até na guerra contra o vizinho Paraguai: “Duas mulheres cuiabanas merecem ser recordadas e cuja bravura ficou ligada ao sacrifício e à bravura de todos os heróis da Retomada¹⁹. Chamavam-se as heroínas. D. Francisca de Sampaio Botelho e D. Maria da Silva Barreto” (Leite, 1978, p. 27).

Em contraste com essa possibilidade, as menções ao masculino ocupam muitos espaços marcados pela cumplicidade. Na segunda página da edição 007, ano 1, de 09/11/1902²⁰, de “O Brazil”, encontramos a reprodução de “boas-vindas” de jornais da capital (Cuiabá/MT) ao novo periódico fundado em Cuiabá: “E’ ‘orgam noticioso e commercial, dedicado aos interesses do Povo’, de regular formato e bem impresso” e na sequência finaliza: “Almejando ao novo paladino do dever um róseo porvir, aqui deixamos-lhes consignados aos nossos agradecimentos pela visita que com prazer retribuiremos” (O Brazil, 1902, p. 2).

Essa autorreferenciação é uma prática recorrente: “Arlindo de Andrade, movido de entusiasmo pela terra em que se fixara, resolveu dar-se um jornal, que fosse um órgão de ligação entre Campo Grande e as províncias vizinhas” (Rodrigues, 1989, p. 12). O autor está se referindo ao “O Estado de Matto Grosso”, primeiro editado de forma impressa na atual capital Campo Grande, em 1913.

Não negamos a importância das mídias em implantação, apenas não tiramos do horizonte o que não está diretamente escrito, pois como lembra Cida Bento (2022), há uma institucionalização do racismo quando somente o homem branco é trazido nos meios de comunicação como a representação de liderança. O elogio entre pares esconde um espaço de performance da cidadania (ou não) a determinados públicos.

Na análise documental realizada encontramos a materialidade dessa mulher em três diferentes épocas e jornais, sem protagonismo, sob o crivo da família, nominada especialmente em editais de proclamas. Não é, como visto, amiga dos que escrevem, pelo contrário, às mulheres é destinado o termo “amiguinhas” (usado em 5 vezes). A amizade é reconhecimento somente atribuído ao sexo masculino, com a palavra “amigo” sendo usada 34 vezes. Como procuramos destacar, o espaço jornalístico preenche os sentidos de cidadania sob a premissa do coletivo para com os homens,

¹⁹A “Retomada de Corumbá”/Guerra contra o Paraguai, ocorre no ano de 1867.

²⁰ Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765481&pagfis=10>. Acesso em: 27 abr. 2025.

enquanto que para a mulher era destinado o espaço privado da casa e das relações familiares.

Referências

A Notícia. Três Lagoas, 1924. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=711896&pagfis=1>. Acesso em: 01 jun. 2025.

ALBERT, P.; TERROU, F. **História da imprensa**. 1. ed. Tradução: Edison Darci Heldt. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 11 ed. São Paulo, Cortez, 2006.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. Milton Santos: textos e conceitos para o estudo da mídia do interior. In: BALDESSAR, Maria José; MONJE, Daniela Inês (Organização). **Diálogos latino-americanos**: comunicação e democracia em tempos de convergência. São Paulo: Intercom, 2018.

DINES, Alberto. **Correio Braziliense ou armazem literario** (Volume I – 1808). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

JORNAL DO COMMERCIO [JORNAL DO COMÉRCIO]. Campo Grande, 1949. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pagfis=4966>. Acesso em: 02 jun. 2025.

LEITE, Fernando. Corumbá: **Histórica e turística**: 1778/1978. Corumbá: s/ editora, 1978.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: A saga dos cães perdidos 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

O BRAZIL. Corumbá, 1902. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=765481&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 01 jun. 2025.

Rodrigues, J. Barbosa. **O Estado de Mato-Grosso**: O primeiro jornal de Campo Grande. Campo Grande: Editora Litero-Técnica, 1989.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. 1 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012a.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2012b.

SANTOS, Milton. **Por uma nova geografia**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo, Edusp: 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.